

SUCESSÃO

Sarney e Requião precipitam corrida eleitoral no PMDB

Reunião de cúpula expõe racha, mas serve para senadores lançarem candidaturas informais

Roberto Castro/AE—21/1/97

CHRISTIANE SAMARCO

BRASÍLIA — A primeira reunião da cúpula do PMDB para discutir o cenário eleitoral de 1998, na noite de terça-feira, deu a dimensão das dificuldades para unir o partido na disputa pela Presidência. Além de mostrar o racha partidário quanto à estratégia para chegar ao poder — com ou sem candidato próprio — o encontro lançou informalmente dois candidatos ao Planalto: o ex-presidente José Sarney (AP) e o senador Roberto Requião (PR).

“Quem esteve no jantar não tem dúvidas de que os dois querem o lugar de Fernando Henrique”, avaliou um dirigente do partido. Segundo ele, participam dessa avaliação não só o anfitrião, presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), como seus convidados senadores, deputados e os dois ministros peemedebistas, Íris Rezende, da Justiça, e Eliseu Padilha, dos Transportes, defensores da aliança eleitoral com os tucanos.

A candidatura Requião ficou clara nas críticas que o senador fez ao presidente. “Esse governo não tem política agrícola, social nem industrial”, criticou, sugerindo que o PMDB apresente projetos nesses setores à sociedade. Segundo o deputado Henrique Eduardo Alves (RN), ficou evidente para todos a necessidade de o partido ter essas propostas. “O que não se sabe é se isto será usado como discurso



Sarney: exaltação à importância de todos os segmentos do partido

eleitoral contra Fernando Henrique ou entregue ao presidente como colaboração do PMDB para que novas políticas sejam adotadas”, disse.

Mas essa é uma decisão que a cúpula partidária faz questão de adiar. Tanto que, na reunião, o líder do PMDB no Senado, Jáder Barbalho (PA), defendeu o direito à dúvida. “Não há quem possa afirmar hoje qual é o melhor caminho para o partido”, disse, referindo-se às alternativas do candidato próprio ou da aliança com o PSDB.

Coube ao ministro Íris Rezende a cobrança da unidade. “O partido está mal e é preciso haver uma autocrítica, porque as divisões confundem o eleitorado”, ponderou. “O PMDB está no caminho certo, tem 18% da prefe-

rência do eleitorado e o que vai fortalecer a legenda é a candidatura própria”, contestou o presidente do partido, deputado Paes de Andrade (CE), num discurso exaltado contra a “adesão humilhante” a Fernando Henrique.

José Sarney discursou sem tomar partido. Ao contrário, disse que os dois segmentos, representados por Íris e Paes, são igualmente importantes, porque somam na hora do voto.

À lista das queixas costumeiras por causa dos maus-tratos do governo, peemedebistas como o senador Cunha Lima (PB) incluem agora mais um item: a “falta de consideração” do Planalto ao fechar a chapa com o PFL na vice-presidência, sem consultar o PMDB. “O senador Pedro Simon (RS) tem razão ao dizer que é o PFL que manda”, concordou o líder na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA). “E tem mais é que mandar mesmo, porque o PMDB não correu o risco eleitoral com Fernando Henrique e não tem que ter essa ciu-meira boba agora.”



PAES CRITICA
“ADESÃO
HUMILHANTE”
A FH